

# 1 INTRODUÇÃO

Esta monografia constitui-se de um estudo relacional entre educação ambiental e equoterapia. Os motivos que levaram à escolha deste tema surgiram a partir da minha atuação na Associação Riograndense Equoterapia e Equilíbrio, na cidade de Santa Maria, onde, no ano de 2001, enquanto acadêmica do Curso de Graduação em Educação Especial, ingressei como estagiária.

Desde então, com os estudos e participações na Associação, percebi o quão interligada esta técnica está ao meio ambiente. Por ocorrer em pleno contato com a natureza, utilizar-se de recursos naturais para intervir no sujeito e diferir das terapias convencionais que ocorrem em locais fechados, é que acredito ser a terapia por meio do cavalo um grande instrumento de educação ambiental e tenho motivos para pesquisar sobre a relação destes dois temas.

Visou-se, nesta pesquisa, avaliar a eficiência da equoterapia como agente de educação ambiental. Para alcançar tais objetivos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica relacionando os dois temas, bem como a aplicação de questionários aos profissionais que trabalham com equoterapia, no Município de Santa Maria.

## 1.1 Justificativa

A educação ambiental é considerada, neste estudo, como um processo que, além do conhecimento e da discussão de problemas ambientais, com seus aspectos históricos, culturais, políticos e econômicos, evidencia ainda a construção de valores, o auto-conhecimento, a cidadania e a transformação de hábitos culturais.

Considera-se fundamental que a educação ambiental seja também estudada em seu caráter não-formal, pois pensa-se que é neste ponto que ela tem maior influência e participação na vida cotidiana das pessoas e não é tão bem contemplada pelas pesquisas.

Um dos principais objetivos da educação ambiental, conforme a Unesco (1980), é permitir que o ser humano compreenda a natureza complexa do meio ambiente resultante das interações de seus aspectos biológicos, físicos, sociais e culturais, a fim de promover uma utilização mais reflexiva e prudente dos recursos naturais.

É importante ressaltar que a equoterapia será aqui abordada em seu aspecto educacional, visto que trata-se de uma terapia de reabilitação global e reintegração social. Segundo Gavarini (1995, apud Freire, 1999, p. 32), “O cavalo, além de sua função cinesioterápica, produz importante participação no aspecto psíquico, uma vez que o indivíduo usa o animal para desenvolver e modificar atitudes e comportamentos”.

Em concordância com a amplitude do conceito de educação ambiental, a equoterapia ocorre de forma interdisciplinar, sendo desenvolvida por profissionais das áreas da saúde e educação, como educadores especiais, fisioterapeutas, pedagogos, fonoaudiólogos, psicólogos, entre outros. Desse modo, utilizando-se dessas áreas, a equoterapia pode servir de instrumento para um melhor entendimento do ambiente, suas funções e problemas que enfrenta e, sobretudo, do papel do homem nesse contexto.

Além disso, o fato de ser um animal o co-terapeuta deste trabalho, faz com que os praticantes (termo usado para definir pessoas que praticam a terapia) criem um vínculo muito forte com o ambiente equoterápico e explorem todos os recursos que ele oferece em benefício de seu tratamento.

Estes fatores nos remetem a refletir sobre a importância da preservação ambiental e do contato da natureza com nossas vidas, visto que ela serve também como subsídio de aprendizagem, como fator terapêutico e de (re)organização mental para crianças e adultos, quer estejam em processo de tratamento ou reabilitação, quer não.

Sabemos que o mundo vive uma crise ambiental muito grande. O homem caminha para o extermínio da natureza em função de sua evolução e modernidade e está esquecido do seu papel social enquanto ser que vive no ambiente e que é responsável por ele. Devido a isso, tem-se a necessidade de resgatar no homem o contato com a natureza e o gosto por ela e assim tornar as ações humanas menos individualizadas.

Com base nestas considerações e acreditando na educação ambiental (formal e não formal) como principal via de construção de caminhos de intervenção neste cenário, a pesquisa objetivou demonstrar que a equoterapia pode ser um instrumento de educação ambiental.

Visou-se verificar se há o desenvolvimento, por parte dos terapeutas, de uma educação ambiental na equoterapia e se eles acreditam na inserção do trabalho de educação ambiental através da terapia.

Desta forma, buscou-se a investigação e mobilização dos profissionais de equoterapia

de Santa Maria quanto à exploração do meio natural do ambiente equoterápico, a fim de desenvolver a educação ambiental e contribuir para o conhecimento dos praticantes da terapia acerca do local em que vivem: sua constituição, uso e sua ligação com o homem.

Assim, além de favorecer a construção de uma nova forma de pensamento em um grupo de pessoas, fazendo-as ter conhecimento da complexidade homem-ambiente, esta pesquisa servirá como subsídio para profissionais que trabalham na área ou que desejam desenvolver novos estudos sobre o tema.

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

- Desenvolver um estudo relacional entre educação ambiental e equoterapia.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

- Avaliar a eficiência da equoterapia como agente de educação ambiental;
- Verificar se os profissionais que trabalham com equoterapia na cidade de Santa Maria percebem a existência de uma relação entre a educação ambiental e a equoterapia;
- Investigar se os profissionais que trabalham com equoterapia na cidade de Santa Maria desenvolvem algum trabalho de educação ambiental;
- Informar e motivar estes profissionais sobre os conceitos e práticas de educação ambiental.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 Reflexões acerca da relação homem-natureza

O meio ambiente vem, nas últimas décadas, atraindo maior atenção e interesse. Mas, desde a década de 60, a deterioração ambiental e sua relação com o estilo de crescimento econômico já eram objeto de estudo e preocupação internacional. Alguns eventos marcaram esta preocupação ambiental que veio se inserindo na vida do homem.

Conforme Dias (1992), em 1972, atendendo à necessidade de estabelecer uma visão global e princípios comuns que servissem de inspiração e orientação à humanidade, para a preservação e melhoria do ambiente humano, 113 países reuniram-se na Suécia para participar da Conferência de Estocolmo sobre o Ambiente Humano. A Conferência gerou a Declaração sobre o Ambiente Humano, dando orientação aos governos e estabelecendo o Plano de Ação Mundial, que recomenda um programa internacional de Educação Ambiental (EA).

Também na década de 70 (1977), realiza-se em Tbilisi – Geórgia (ex-URSS) a Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, organizada pela UNESCO. Considerado o evento mais decisivo para os rumos da educação ambiental em todo o mundo, a Conferência foi um prolongamento da Conferência de Estocolmo. Ela contribuiu para precisar a natureza da educação ambiental, definindo seus objetivos e suas características, assim como as estratégias pertinentes no plano nacional e internacional.

Na década de 90, com a realização da Rio-92 (Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – UNCED), as questões ambientais assumiram um papel de destaque na esfera das preocupações mundiais, tornando-se mais discutidas nos âmbitos político e social, além do usual econômico.

Sem estes dois primeiros aspectos, a questão ambiental dificilmente teria um melhor encaminhamento para seu entendimento e tentativas de soluções. Esta evolução do conhecimento das questões ambientais que se tem hoje é fruto de diversos estudos científicos realizados ao longo do tempo e do crescimento de uma consciência ecológica.

Estudos e pesquisas têm apontado para a complexidade do ambiente, o que, portanto, requer uma visão holística sobre o mesmo. Faz-se necessária a percepção do mundo como um todo, uma mudança na concepção linear de causa e efeito, para enxergar as causas, suas

relações e suas inter-relações cíclicas. Esta concepção linear é explicada como sendo o resultado das divisões das áreas do conhecimento e suas conseqüentes especializações que, ao serem feitas, deixaram para trás a realidade.

Torna-se necessário, pois, entender a complexidade das questões ambientais e reconhecer que não haverá nenhuma solução técnica aceitável sem se resolver os problemas políticos e sociais associados. Para tanto, é imprescindível que recorramos às ciências sociais, filosóficas e históricas, que nos auxiliarão na compreensão do cenário contemporâneo, bem como do papel do educador ambiental neste contexto.

Temos o século XVII como o princípio do desenvolvimento da ciência experimental, que, segundo Tomazetti et al (1998, p. 48), foi

traçando a história de progresso e desenvolvimento da sociedade moderna. O homem esclarecido é o homem racional que precisa conhecer a natureza para nela poder intervir, isto é, exercer a sua ação. A natureza foi, assim, sendo modificada sob os desejos e interesses de uma sociedade industrial burguesa emergente.

Um modelo de produção de conhecimento embasado na racionalidade e cientificidade foi, então, estabelecendo-se juntamente com uma nova relação entre homem e natureza. A idéia cartesiana de separação entre matéria e pensamento e segmentação das ciências naturais contribuiu para que a racionalidade instrumental se instalasse. A razão estava como um instrumento a serviço do homem.

Objetivos como o lucro, o progresso e o desenvolvimento passaram a ter prioridade na sociedade e por isso os fins passaram a justificar os meios na corrida para o avanço tecnológico. O capitalismo trouxe consigo um consumismo desenfreado, deixando a natureza presa aos interesses do homem.

Noal (1999) coloca que as idéias de progresso isolaram as partes da realidade e procuraram respostas simples para problemas complexos, respostas imediatas, sem medir as conseqüências para o futuro ou as inevitáveis interações do todo, onde cada coisa que muda afeta o conjunto na sua totalidade. Assim, a sustentabilidade do ambiente só é lembrada em situações de escassez ou de impactos ambientais.

A necessidade do homem de auto-conservar-se gerou um processo de destruição do seu espaço de vida, do esquecimento de valores éticos e morais, do respeito mútuo. Tudo isso culminou na crise ambiental atual.

Conforme aponta Flickinger (1992), o pós-cartesianismo das ciências naturais traz consigo uma racionalidade instrumental, na qual tudo é objetificado pelo olhar do cientista. Isto acaba acarretando o ocultamento de um contexto histórico e sistêmico, de uma realidade

por nós produzida.

Desta forma, vemos que a educação ambiental requer uma análise rigorosa de sua intervenção e precisa embasar-se nas ciências humanas para avaliar esses pressupostos de ação. Grün (1992) aponta para uma distorção da visão de educação ambiental que foi instalando-se devido a popularização do tema, gerada pelos problemas ambientais. Palavras como “ecologia” e “meio ambiente” ganharam maior visibilidade, mas o cerne da questão não é aprofundado e acaba por reforçar o antropocentrismo já enraizado na sociedade. A natureza é valorizada apenas porque o homem vive nela.

Além disso, a natureza tornou-se importante apenas quando existe algum interesse utilitário envolvido. Atitudes de preservação do homem passaram a ocorrer para manter o capitalismo. Contudo, a situação caótica a que o ambiente chegou na era atual, iniciou um processo de valorização do meio.

Carvalho (2000, p. 56) colocam que “A experiência urbana, marcada pelas inóspitas condições ambientais, impulsionou o surgimento de um sentimento estético e moral de valorização da natureza selvagem, não transformada pelos humanos”. Isto repercute nas chamadas novas sensibilidades da natureza (século XVIII), que contribuíram para uma transformação cultural importante que chega até os dias de hoje, como uma das raízes do ambientalismo contemporâneo.

Esta idéia que começa a permear a sociedade moderna muito tem ajudado nos rumos da educação ambiental, porém ela está longe de ser o ideal que buscamos. O senso comum, marcado por chavões do tipo “preserve a natureza” focaliza seus princípios na preservação daquilo que ainda não foi destruído pelo homem. No entanto, acaba por difundir uma falsa idéia de educação ambiental que ignora as bases da mesma e seu verdadeiro sentido educacional. As pessoas acabam por não perceber que esta educação ambiental está no seu dia-a-dia, que não consiste em um método e sim em tudo o que fazemos em nosso cotidiano. Assim, terminam por perceber o “problema” como algo alheio as suas vidas, como uma causa de grandes empresas, por exemplo, para com a natureza, mas sem dar-se conta de que a natureza somos nós mesmos.

Sobre isto, Leff (2003, p. 16) nos explica que

“A crise ambiental, entendida como crise de civilização, não poderia encontrar uma solução pela via da racionalidade teórica e instrumental que constrói e destrói o mundo. Apreender a complexidade ambiental implica um processo de desconstrução e reconstrução do pensamento; remete a suas origens, à compreensão de suas causas; a ver os “erros” da história que se arraigaram em certezas sobre o mundo com falsos fundamentos”.

A complexidade do ambiente acaba sendo descoberta nos próprios limites da racionalidade, nas suas próprias falhas. Por isso, a educação ambiental vem a ser uma prática interpretativa que auxilia na expansão da área de compreensão da relação da sociedade com a natureza.

## **2.2 Educação ambiental: conceitos e objetivos**

No cenário acima exposto, a educação ambiental é entendida como uma intervenção político-pedagógica, pois relaciona-se intimamente com a formação da cidadania no momento em que visa a participação ativa do indivíduo na esfera pública. Para tal, deve tratar o ambiental dentro de uma perspectiva sistêmica, onde o desenvolvimento local traz implícito a organização dos sistemas de produção e vivência, de modo a manter a qualidade de vida dos seus habitantes.

De acordo com Carvalho (2000, p. 61) “A compreensão da problemática do meio ambiente como um fenômeno socioambiental lança a questão ambiental na esfera política, entendida como esfera pública das decisões comuns”. Assim, vemos que a educação ambiental é uma prática cidadã e por isso deve ser inserida nos hábitos das geração que estão em construção de sua identidade.

Esta idéia, que fundamenta o presente projeto, nos faz perceber que é na base da educação que se encontra o cerne da interveção nos problemas ambientais, pois trata-se da construção de personalidades, da formação de sujeitos que constituirão a sociedade nos próximos tempos e que irão transmitir esta idéia, contribuindo para o desenvolvimento de uma cultura que priorize outros valores, como a solidariedade e o respeito.

Sobre este pensamento, Carvalho (2000, p. 64) coloca que

uma educação ambiental sensível às lutas socioambientais e pautada pela conquista da cidadania representaria um espaço promissor na busca de uma sociedade justa e ambientalmente sustentável, integrando as forças emancipatórias que, neste tumultuado final de século, mantêm o projeto de uma cidadania democrática.

Percebemos então que a problemática ambiental é mais que uma crise ecológica, é uma reflexão sobre como o homem compreendeu a si mesmo e ao seu mundo. Ela exige que se desenvolvam novas formas de investigação sobre aprendizagem ambiental e sobre metodologias que a articulem com uma educação cidadã.

Nos últimos tempos, a educação ambiental foi reduzida a um tema a mais entre aqueles “urgentes” discutidos pelas comunidades, perdendo um pouco da relação presente entre os diversos temas que formam o sócio-ambiente em que vivemos. Ela é uma construção

da história da educação e compreende a complexidade como inerente dos processos educativos. Bianchini (1995 apud LUZZI, 2003, p. 180) aponta que “Por isso é que o binômio educação/ambiente deverá desaparecer com o tempo. A educação é ambiental ou não é”.

Em se tratando da inserção da educação ambiental na prática educacional propriamente dita, Vargas (2003) diz que na América Latina ainda não se consegue incorporar substantivamente a agenda ambiental na políticas educativas devido à predominância dos modelos de racionalidade instrumental em tais políticas e na ainda limitada capacidade dos movimentos ambientalistas de fazer valer suas experiências.

Com isso, vemos que é preciso que as pessoas tenham, intrinsecamente em suas idéias e ações, o saber ambiental, questionando-se, interligando conhecimentos e projetando valores éticos. Para tanto, como coloca Carvalho (2000), pode a hermenêutica ser uma ponte entre uma perspectiva explicativa que temos da educação ambiental para outra interpretativa e compreensiva do meio ambiente.

A hermenêutica, como postura filosófica interpretativa, tem valor essencial quando falamos em educação ambiental, por remeter os estudos a um caráter histórico-social, tendo como base a filosofia no entendimento de fatos, culturas e pensamentos exercem influência sobre a sociedade. Carvalho (2000, p. 106) explica que

A partir de uma perspectiva hermenêutica, educar e compreender converte-se em uma aventura em que o sujeito e os sentidos do mundo vivido se constituem mutuamente em uma dialética de compreensão/interpretação. Perde-se assim a segurança de uma consciência observadora e decodificadora que promete a correspondência e o controle dos sentidos.

Isto nos remete a refletir sobre nosso papel enquanto educadores e mediadores destas novas percepções de meio ambiente. De acordo com Carvalho (2000) o papel do educador ambiental, tomado da perspectiva hermenêutica, poderia ser pensado como o de um tradutor das interpretações socialmente construídas. Em concordância com este pensamento, Morin (2003) afirma que a compreensão deve ser uma das finalidades da educação do futuro, pois é através do entendimento humano que garantiremos a solidariedade intelectual e moral da humanidade.

Contudo, fica evidente a relevância dada pelos autores ao educador ambiental como agente facilitador do entendimento da complexidade ambiental, que busca (re)aproximar o homem do seu mundo natural, esclarecendo a indissociabilidade dessa relação.

### **2.3 Novas concepções sobre o meio natural**

A multifuncionalidade do espaço rural está intimamente relacionada com a transformação da sociedade contemporânea. As inovações tecnológicas, o crescimento econômico e o processo de urbanização não implicaram na elevação dos níveis de qualidade de vida da população, como era esperado. O surgimento do cansaço e do estresse das vidas agitadas fez com que este público viesse a descobrir as propriedades rurais como locais alternativos de descanso e a redescobrir uma relação com a natureza que estava se perdendo.

Além disto, esta multifuncionalidade nos mostra as atividades agropecuárias e o próprio espaço rural de maneiras diversificadas, atribuindo novas funções a este meio para além do seu tradicional papel agrícola-alimentar.

A possibilidade de resgatar do rural, de certo modo, seu sentido original, envolve um conjunto de práticas orientadas para exercícios de contato com a diversidade natural, onde vários estudos recentes apontam transformações significativas nas sociedades, a partir de atividades de descanso e lazer, como o turismo, hotéis-fazenda, terapias, entre outras, abrangendo o espaço natural e sua estrutura ocupacional.

Os diferentes usos do meio natural têm como uma das atividades desenvolvidas as terapias. Estas, além de significarem uma estratégia de consumo em diferentes modalidades de interesse, englobam as atuais características onde este meio desempenha diversas funções e proporciona um local de variadas atividades. Tal processo acaba promovendo a construção social de novos e múltiplos sentidos para este espaço, os quais se manifestam valorizando as áreas naturais para além do consumo.

O meio rural torna-se um ambiente múltiplo de interesses complementares, tendo o propósito de fazer uso de atividades “novas”, ou de atividades que no passado eram utilizadas e com o tempo foram esquecidas, e que atualmente retornam com novos sentidos culturais.

Nas atuais transformações do meio ambiente, as terapias tornam-se uma opção inovadora, onde a natureza pode ser vista como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos das culturas locais, com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. Podemos citar as religiosas, de tratamento ao estresse, de reabilitação a dependentes químicos e a equoterapia, que utiliza o cavalo como mediador no tratamento de pessoas com necessidades especiais, advindas das mais diversas causas e que será abordada nesta pesquisa.

A partir da concepção de diversos autores como Froehlich (2002), Carneiro (1998),

Wanderley (2000), o meio rural vem se tornando alternativo para categorias sociais de origem urbana, pois o desenvolvimento dos espaços rurais nas sociedades modernas dependerá, além da agricultura, da capacidade de atrair outras atividades econômicas e outros interesses sociais, e de realizar uma profunda ressignificação de suas próprias funções sociais.

Conforme Froehlich (2002), o espaço rural pode desempenhar diferentes funções, estas derivariam de uma mudança cultural nos valores sociais sobre os espaços rurais, os quais associam-se atualmente demandas ecológicas e a busca da natureza.

O espaço natural torna-se um local diversificado de interesses, tendo como propósito atender à demanda gerada pela modernização da sociedade atual, possibilitando uma nova rede de estruturações e oportunidades, onde estes ambientes tornam-se, além de uma alternativa de descanso e lazer, um encontro do homem com a complexidade do meio em que está inserido.

Frente às diversas transformações nas sociedades contemporâneas, o espaço rural também tende a modificar-se para acompanhar os avanços modernizadores. Segundo Wanderley (2000), o rural não se constitui em uma forma imutável, que pode ser encontrada em qualquer sociedade. A autora evidencia que a modernização redefine as relações entre o campo e a cidade, a importância do agricultor na vida social, cultural e política da sociedade local.

As novas atividades em meio à natureza contribuem para criar uma diversidade social e cultural, que se trata também de uma condição de existência da sociedade, ampliando a rede de relações. A heterogeneidade social, cultural e econômica é definida a partir de conflitos de interesses, com capacidades de negociações distintas. Desta forma, o espaço rural brasileiro tende a adquirir novas formas de produção, através de meios alternativos, como um espaço de lazer, de contato com a natureza, ou até mesmo como opção de moradia.

A capacidade de integração entre a natureza e a sociedade possibilita uma vida mais saudável à sociedade urbana, que antes possuía concepções diferentes do meio natural e agora tende a resgatar uma cultura voltada para a qualidade de vida.

As transformações nos espaços rurais vêm ocorrendo, como podemos constatar em Froehlich (2002), devido à conjuntura de um mundo que fala cada vez mais em velocidades, novas tecnologias, globalização, ambientalismo, e que busca construir uma nova concepção de desenvolvimento, redução das desigualdades econômicas e prudência ambiental. No entendimento histórico das transformações do mundo rural, relaciona-se o fenômeno social,

conhecido como modernização da agricultura.

Devido às recentes transformações, as concepções e relações da sociedade humana com a natureza fazem com que haja interação entre a sociedade que vive nas cidades e a do campo, modificando aos poucos o paradigma estabelecido, onde o espaço natural não faz parte da vida das pessoas urbanizadas.

O espaço rural vem tomando novos rumos por meio de preocupações ambientais, além do desenvolvimento da agricultura, vinculando-se à demanda da multifuncionalidade de seu espaço. A produção de novos sentidos sobre o rural nasce em conjunto com suas transformações internas e da sociedade global.

## **2.4 Conhecendo a equoterapia**

A Equoterapia é uma prática que utiliza o cavalo como co-terapeuta na reabilitação física e mental de praticantes com necessidades especiais, a partir de dois anos de idade.

Desde o início da história da humanidade já se tem registros da prática da equitação como auxílio para a regeneração da saúde. No entanto, foi após a Primeira Guerra Mundial que o cavalo entrou definitivamente na área da reabilitação, sendo empregado como instrumento terapêutico nos soldados seqüelados do pós-guerra. Como aponta Medeiros e Dias (2003, p.3), “Os países escandinavos foram os primeiros a utilizá-lo com tal finalidade, obtendo resultados muito satisfatórios, estimulando o nascimento de outros centros terapêuticos na Alemanha, França e Inglaterra”.

A partir daí, a terapia passou a ser debatida em congressos, incluída como matéria didática em algumas universidades e foi ganhando reconhecimento no mundo. Atualmente, é praticada em mais de trinta países. No Brasil, em 1989, foi fundada a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-Brasil), localizada na Granja do Torto, em Brasília-DF e, em 1997, a equoterapia foi reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina.

As indicações da equoterapia são bastante diversas, abrangendo desde crianças com dois anos de idade até idosos. Síndromes, psicopatologias, deficiência mental, paralisia cerebral, surdez, deficiência visual, seqüelas de lesão medular e cerebral, dificuldades de aprendizagem, transtornos de déficit de atenção com hiperatividade, depressão, distúrbios comportamentais e problemas fonoarticulatórios são alguns dos casos que podem ser encaminhados para a prática da equoterapia.

As contra-indicações da equoterapia incluem osteoporose, coluna vertebral instável, pessoas com síndrome de Down com instabilidade atlanto-axial, escoliose aguda, distúrbios ativos da saúde mental que possam ser perigosos, trazendo risco ao praticante, entre outros. Cabe ressaltar que cada caso é único, devendo passar por orientação médica e avaliação de toda a equipe responsável antes de iniciar a terapia.

Sua execução deve, conforme coloca a ANDE-BRASIL (1999), ser realizada por uma equipe interdisciplinar, composta por: instrutores de equitação, psicólogos, fisioterapeutas, educadores especiais, fonoaudiólogos, psicopedagogos, médicos, entre outros. A equipe deve ser organizada de acordo com a finalidade e os objetivos do programa de Equoterapia a ser desenvolvido e composta, no mínimo, por três profissionais, um de cada área da saúde, educação e equitação.

Esta equipe é necessária, pois o ser humano é global e, portanto, é necessário compreendê-lo nesse contexto para que possa desenvolver suas potencialidades físicas e emocionais.

Segundo Gavarini apud Freire (1999, p. 32) “O cavalo, além de sua função cinesioterápica, produz importante participação no aspecto psíquico, uma vez que o indivíduo usa o animal para se desenvolver e modificar atitudes e comportamentos”. Para o autor, a equoterapia pode ser considerada uma terapia principal ou complementar, pois o praticante pode ter uma reabilitação global, uma vez que tem acesso a uma ajuda interdisciplinar.

A utilização do cavalo deve-se ao seu movimento ritmado, repetitivo, simétrico e tridimensional (3 vetores de força verticais, horizontais e longitudinais), que de acordo com Medeiros e Dias (2002), ao se deslocar ao passo, realiza um movimento em seu dorso que desloca a pelve do praticante, e que é semelhante à marcha humana, com menos de 5% de diferença. Esta semelhança vai fornecendo impulsos para o cérebro, fazendo o praticante corrigir sua marcha, desenvolver equilíbrio, postura, atenção e concentração.

O biorritmo do cavalo também se assemelha muito ao do ser humano, e seu movimento com ritmo e balanço (com 180 oscilações por minuto, que é transmitida ao cérebro via medula), estimula o metabolismo, regula o tônus e melhora os sistemas cardiovascular e respiratório, além de estimular os cinco sentidos e os diferentes aspectos da psicomotricidade (organização espacial e temporal, esquema corporal, percepção, lateralidade etc).

Em concordância com as idéias de Lermontov (2004), vemos que o cavalo é um animal dócil, forte e de porte. Deixa-se montar, manusear e se transforma em amigo do homem, criando com ele relacionamento afetivo importante, sendo personagem em sua vida e ponto de contato sedutor com o mundo que o rodeia. O cavalo e o homem estabelecem relação harmoniosa e conseguem atuar juntos. O código usado nessa relação é o da afetividade, estabelecida graças à confiança recíproca e a grande sensibilidade deste animal.

Na Equoterapia, é muito importante o processo de chegada, aproximação e despedida do animal para o trabalho da afetividade, visto que, um vínculo muito forte é estabelecido, pois trata-se de um ser vivo maior em porte e altura do que o praticante e que remete uma sensação agradável com o deambular e calor de seu corpo, pois sua temperatura é mais alta que a do ser humano.

Conforme Medeiros & Dias (2002), no primeiro contato com o cavalo, o praticante é levado a aproximar-se do animal e a conhecê-lo. Ele aprende a identificar as partes de seu corpo usando os sentidos; conhece suas necessidades básicas (alimentação, limpeza etc); conhece e identifica o equipamento utilizado e sua função; aprende a empregar adequadamente a terminologia.

No período de iniciação sobre o cavalo, o praticante irá aprender a montar e apejar, utilizando o cavalo ou outro recurso (a rampa de subida), irá aprender exercícios relativos à postura (posicionamento de tronco, pernas, assento), irá aprender a comandar e dominar o animal através de técnicas específicas (andar, parar, virar).

Após, de acordo com a necessidade de cada praticante, serão propostas atividades com o cavalo. Estas podem ser pedagógicas, esportivas, recreativas e podem contar com o auxílio de material escolar, lúdico, jogos e elementos da natureza, como árvores, outros animais, ondulações do solo, folhas etc.

De acordo com Lermontov (2004, p. 96), “Na esfera social, a equoterapia é capaz de diminuir a agressividade, tornar o praticante mais sociável, facilitando a construção de amizades (...) promovendo melhor auto-percepção”.

Na equoterapia, seguindo Medeiros e Dias (2002), a movimentação do cavalo associada ao ambiente será determinante na construção da unificação dos diferentes segmentos do corpo, possibilitando uma nova concepção de movimento e do próprio corpo. A organização espacial está relacionada com a habilidade de manter relação entre os diversos segmentos do corpo e o corpo com o ambiente. A riqueza de estímulos no ambiente

equoterápico proporcionará ao indivíduo o desenvolvimento de novas percepções.

Os objetivos psicossociais proporcionados pela equoterapia são adquiridos por motivação que impulsiona o indivíduo pelo desejo e prazer, conseguindo atrair atenção e com isso aumentar o grau de concentração, iniciativa, auto-estima, gerando independência pra maior interação social.

## **2.5 Buscando as interfaces entre educação ambiental e equoterapia**

A prática da Equoterapia se dá em pleno contato com a natureza, proporcionando formas de aplicação de exercícios de psicomotricidade, de recuperação e interação, complementando as terapias tradicionais que se valem de instrumentos tecnológicos em clínicas e consultórios.

Todos as áreas do desenvolvimento humano podem ser trabalhadas na Equoterapia, via recursos do meio ambiente. Isto torna o sessão mais interessante para o praticante, visto que ele tem acesso a instrumentos vivos de exploração, como árvores, lagos, pássaros, plantas outros cavalos e demais animais que podem estar no ambiente.

A Equoterapia torna-se, nesta visão, a educação através do meio ambiente, através da natureza. Pois, segundo Oliveira (2000, p. 89) “O desafio da questão ambiental, por sua extensão e complexidade, vem exigindo uma abordagem cada vez menos ortodoxa, rompendo com a tradição segmentada e reducionista, e requerendo a aplicação de métodos multi e interdisciplinares”.

Complementando esta questão, Gonçalves *apud* Oliveira (2000, p. 91) esclarece que “A questão ambiental na verdade diz respeito ao modo como a sociedade se relaciona com a natureza, assim a questão ambiental coloca a necessidade de uma maior reflexão sobre o seu lugar no campo do conhecimento. Não podendo ser reduzida ao campo específico de uma única ciência, ela convoca a depor diversos campos do saber”.

Assim, percebemos que a educação ambiental vai muito além do simples ensino ou defesa da ecologia. Ela percorre os campos histórico, social, cultural e econômico, tornando-se uma educação política. Conforme Oliveira (2000, p. 88), “A educação ambiental busca um novo ideário comportamental, tanto no âmbito individual quanto coletivo. Ela deve começar em casa (...) Deve gerar conhecimento local sem perder de vista o global, precisa necessariamente revitalizar a pesquisa de campo (...) É um passo fundamental para a conquista

da cidadania”.

Isto denota que a educação ambiental não deve estar presente apenas na escola, mas sim em todos os espaços por nós freqüentados. Além disso, ao afirmar que a educação ambiental busca um novo ideário comportamental, Oliveira (200) entra em concordância com uma das conseqüências da equoterapia. A relação que se estabelece com o cavalo e a natureza durante as sessões gera mudanças de ações e pensamentos que refletem no convívio social de quem pratica a terapia.

A busca da cidadania é outro ponto a ser focado nesta pesquisa, através da identificação, nos sujeitos da pesquisa, dos seus papéis na natureza. Carvalho (2000, p. 61) afirma que “toda educação ambiental orientada para a cidadania, pode contribuir de uma forma muito concreta para o avanço de um dos grandes desafios contemporâneos: a busca de possíveis novas tecituras entre a natureza e a política”.

Mas para isso, será necessário definir quais são suas idéias de natureza, pois como afirma Barcelos (1996, p. 66), “A maneira como concebemos o que é Natureza em nossa sociedade, tem um papel fundamental na forma como vivemos e construímos nossas necessidades, tendo isto desdobramentos sobre o meio ambiente, estando portanto, diretamente associada aos problemas ambientais enfrentados pela sociedade”.

Neste aspecto, a equoterapia desempenha papel essencial, pois contribui para o desenvolvimento de melhores concepções dos praticantes sobre a natureza, reforçando sua valorização e o respeito ao meio ambiente. A terapia desenvolve consciência ambiental no momento em que faz com que o meio ambiente torne-se fator indispensável à terapia. O cavalo sozinho não faz equoterapia. Apenas o movimento que seu dorso realiza na pelve de quem está montado e as técnicas de equitação não garantem o desenvolvimento do trabalho interdisciplinar que a terapia propõe, pois aspectos educacionais e sócio-psicológicos não poderiam ser desenvolvidos

A busca pela equoterapia também se dá devido a uma necessidade de “fuga” da agitação do meio urbano, que faz com que as pessoas sintam a necessidade de retirar-se em ambientes naturais buscando tranquilidade, liberdade, ar puro. A conseqüência acaba sendo a valorização do meio ambiente natural, o que é uma educação ambiental, pois quando as pessoas passam a dar mais valor para a natureza, elas remetem-se à reflexão sobre os cuidados com ela e com isso a construção de novas formas de relação com o meio.

Guattari (1990) nos traz a idéia de uma ecosofia, embasada na reflexão a respeito das

três ecologias (a ecologia da subjetividade humana, do meio ambiente e das relações sociais), que constituem a educação ambiental. Segundo ele, há que se recriar a visão de natureza, fazendo a ecologia ultrapassar a idéia de amantes da natureza ou dos especialistas diplomados. Há também que se fazer uma nova compreensão do sujeito e de relações sociais, abrindo espaço para novos operadores de resolução de problemas psíquicos, como a educação, cultura ou o esporte e alterando modos de ser em grupo, que apontem para valores éticos, políticos e de respeito às diferenças.

Percebe-se assim, mais uma forte menção ao que trata a equoterapia, pois ela é uma atividade diferenciada, leva à convivência em grupo e propicia o respeito à diversidade, evidenciando e estimulando o potencial de cada indivíduo, considerando sua singularidade.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa desenvolveu-se na Associação Riograndense Equoterapia e Equilíbrio, localizada na Associação Tradicionalista Estância do Minuano, na Estrada Francisco Viterbo Borges, s/nº - sala A – Faixa de São Sepé, cidade de Santa Maria. Nela, foram entrevistados os profissionais atuantes, para investigar sobre a prática da educação ambiental dentro do trabalho de equoterapia.

A Associação surgiu no ano de 1998, sendo fundada por uma educadora especial e uma fonoaudióloga. Atualmente, conta com a atuação de nove profissionais e um preparador eqüestre. Consiste em uma associação de profissionais autônomos, que trabalham de forma interdisciplinar, não havendo hierarquia de trabalho. A equipe é composta ainda por dois cavalos e uma égua: Raio, Aragano e Serrana.

Os atendimentos ocorrem de forma particular e mediante convênios. Hoje, cerca de trinta pessoas (entre adultos e crianças) são atendidas pelo grupo. A Associação realiza reuniões semanais da equipe para debater assuntos administrativos, casos específicos de praticantes e, ainda, para estudos teóricos. São desenvolvidos também eventos para divulgação do trabalho e arrecadação de fundos, como cavalgadas, jantares, festas, participações em rodeios e demais festividades do Município. A equipe Equoterapia e Equilíbrio têm se expandido e já conta com profissionais atuando nos Municípios de Júlio de Castilhos, Dilermando de Aguiar e Mata.

Para a coleta de dados, foram realizados questionários, com perguntas abertas, com os profissionais deste grupo de trabalho, além de observações aos atendimentos. No total, foram 8 profissionais das áreas da saúde, educação e equitação, entre eles um da fisioterapia, dois da educação especial, um da fonoaudiologia, dois da pedagogia e dois da psicologia.

Segue abaixo a identificação dos sujeitos da pesquisa:

Profissional A: Educadora especial, atuante há nove anos em equoterapia.

Profissional B: Psicóloga, atuante há três anos e meio.

Profissional C: Psicóloga, atuante há dois anos.

Profissional D: Fisioterapeuta, atuante há um ano e dois meses;

Profissional E: Fonoaudióloga, atuante há três anos.

Profissional F: Pedagoga, atuante há dois anos.

Profissional G: Pedagoga e artista plástica, atuante há quatro anos.

Profissional H: Educadora Especial, atuante há seis anos.

Após, foi feito um levantamento de dados e a análise dos mesmos. Tudo isto ocorreu concomitantemente com as consultas bibliográficas para o aprofundamento teórico no tema.

A Associação foi a escolhida para a realização das entrevistas e observações por ser o único grupo de profissionais atuantes em equoterapia no Município.

Devido ao tamanho da amostra e às características da pesquisa, ela configura-se em um estudo de caso. O caso pesquisado é o das relações existentes entre educação ambiental e equoterapia, no qual se enfatiza a interpretação no contexto do grupo de trabalho em questão, retratando uma realidade única que ocorre no trabalho de equoterapia e utilizando uma variedade de fontes de informação. Lüdke e André (1986) apontam para as características do estudo de caso qualitativo, das quais algumas são: visar a descoberta, pois o conhecimento não é algo acabado, mas uma construção que se refaz constantemente; enfatizar a interpretação do contexto e usar uma variedade de fontes de informação.

No intuito de valorizar a situação analisada, respeitando sua subjetividade e sua singularidade, não esquecendo o rigor metodológico que caracteriza a pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, conforme enfatiza Minayo (2001, p.22), ao dizer que a pesquisa,

(...) responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significações, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Com os profissionais foi utilizado o questionário com perguntas abertas sobre equoterapia, a relação homem-natureza e a educação ambiental. Este tipo de questionário permite maior flexibilidade às respostas dos entrevistados, sem fazer sugestões, e ressaltando o enfoque qualitativo da pesquisa. Bervian e Cervó (1974) explicam que as perguntas abertas são destinadas a obtenção de respostas livres e possibilitam recolher dados ou informações mais ricas e variadas.

Segue abaixo, o roteiro de questionário aberto utilizado:

1. Há quanto tempo você trabalha neste local?
2. Como se desenvolve o trabalho terapêutico neste local?
3. Você já teve experiência de trabalho terapêutico em outro local? Como era?
4. Existe alguma diferença na prática terapêutica desenvolvida aqui ou na cidade? Quais?

5. Existe relação direta do espaço natural com o desenvolvimento da terapia? Pode citar alguns exemplos?
6. Você trabalha a relação homem-natureza com os praticantes?
7. Quais os motivos que as pessoas procuram o local? Elas já têm um conhecimento prévio do funcionamento da terapia?
8. Os praticantes que procuram a terapia consideram importante o ambiente em que ela se desenvolve?
9. Para você, o que é educação ambiental?
10. Você acredita que a equoterapia desenvolve em seus praticantes aspectos de educação ambiental? De que forma?
11. Você considera possível trabalhar a educação ambiental através da equoterapia? De que forma?
12. Este trabalho poderia ser desenvolvido no meio urbano? Por quê?
13. Você considera importante, para você, trabalhar em contato direto com a natureza? Por quê?
14. De que forma o ambiente natural influencia especificamente na sua área de atuação?
15. A equoterapia desenvolve-se de forma interdisciplinar. Você acredita que a educação ambiental faz parte desta interdisciplinaridade? Por quê?

A pesquisa, bem como os questionários, foram bem recebidos pela equipe de equoterapia que, depois do período de uma semana (sete dias) retornaram as questões para a pesquisadora. Cabe salientar que os questionários foram respondidos de forma individual e que cada participante da pesquisa assinou uma carta de cessão que consta nos anexos da pesquisa.

Como alternativa ilustrativa do trabalho desenvolvido pela Associação pesquisada, foram incluídas nos anexos deste trabalho, fotografias das sessões de equoterapia, registradas no ano de 2006, ano em que o estudo foi realizado. Cabe salientar que as imagens visam mostrar cenas das sessões e que, a Associação possui autorização para a utilização das imagens das pessoas que nela aparecem. Um modelo desta autorização, que é entregue aos pais dos praticantes no momento em que iniciam a terapia, encontra-se também anexado na pesquisa.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor dinamizar a explanação dos resultados, estes serão divididos em categorias.

### 4.1 A prática da Equoterapia e o espaço natural

Como vimos anteriormente, a equoterapia é uma prática que utiliza a natureza e animais para desenvolver as potencialidades de seus praticantes. O entrevistado B descreve a terapia como um atendimento realizado ao ar livre, tendo o cavalo como co-terapeuta, onde, através do contato com o animal e a natureza circundante, são trabalhados aspectos físicos, psíquicos, cognitivos e sociais por meio de exercícios, jogos, música, monta, cuidados com o animal, etc.

Há uma grande diferença em desenvolver um trabalho como este ao ar livre. Em consultórios clínicos ou salas de aula, há uma restrição ao tamanho do ambiente e nos recursos que ele oferece. Além disso, os estímulos disponíveis ao paciente/aluno são todos artificiais e pré-estabelecidos, como brinquedos e jogos prontos. Muitas vezes, este fator torna a terapia maçante e cansativa, ocasionando falta de motivação. O entrevistado D relata que

(...) Devido ao movimento intenso, num hospital, por exemplo, o tempo passa e você não percebe os acontecimentos climáticos, se choveu forte, ventou ou coisas parecidas. As atividades acontecem mecanicamente e, apesar das pessoas serem diferentes, é estabelecida uma rotina de trabalho.”

Já no espaço natural, o tamanho do local e os recursos provenientes dele são bastante amplos e diversos. O praticante tem a chance de criar brinquedos e jogos e as situações terapêuticas vão surgindo de forma espontânea. Mais motivado, o praticante vai descobrindo o espaço a sua volta e aprendendo com ele. O entrevistado B nos diz que “(...) o trabalho é realizado ao ar livre, utilizando estímulos provenientes deste ambiente (visuais, táteis, olfativos e auditivos). Já na cidade, ou seja, em consultório (sala) os estímulos são artificiais, fornecidos pelo terapeuta.”

Além disso, o trabalho seria prejudicado se precisasse ocorrer em local fechado, tamanha é a importância da natureza para o desenvolvimento da terapia. O entrevistado F diz que “Com esta qualidade e variedade de estímulos e sensações certamente, o trabalho não

seria o mesmo. (...) tornaria o trabalho superficial”. Já o profissional A coloca que “a qualidade é relativamente afetada, pois poluição do ar, poluição sonora e diminuição da diversidade natural devem ser levadas em consideração, por isso, recomenda-se área rural”.

No desenvolvimento da equoterapia há uma relação direta com o espaço natural, colocando praticante, terapeuta e ambiente em plena interação. O entrevistado H afirma que

(...) Esse espaço natural nos dá uma gama de possibilidades. Você tem elementos da própria natureza para utilizar como recursos didáticos. Outro aspecto, é que esta terapia é desenvolvida em um local onde o praticante tem maior liberdade de ação e interação, diferente daquele que é desenvolvido entre quatro paredes, por exemplo na sala de fisioterapia, fonoaudiologia, etc.

Estas afirmações entram em concordância com o que coloca Lermontov (2004, p. 15) quando diz que “(...) a Equoterapia torna-se uma revolucionária maneira de introduzir o convívio com a natureza, revalorizando as atividades ao ar livre, o cheiro de mato, o calor que emana do corpo do cavalo, seus movimentos cadenciados e respostas suas às atitudes de carinho”. Assim, vemos que o ambiente em que a terapia é realizada tem papel essencial no processo terapêutico.

O entrevistado F complementa este assunto dizendo que “(...) O trabalho que desenvolvemos promove, além de variados benefícios físicos, psíquicos, sociais e educacionais, a qualidade de vida e esta está diretamente associada à necessidade de viver em ambientes agradáveis, naturais...”. Esta fala reforça o entendimento de que o trabalho com o meio ambiente promovido pela equoterapia tem relação direta com o bem-estar das pessoas que dela usufruem.

#### **4.2 A relação homem-natureza na prática equoterápica**

A equoterapia pode promover novas formas de relação do homem com a natureza e contribuir para que uma visão complexa de mundo seja construída. O entrevistado D explica que “De forma indireta a relação homem-natureza está sempre presente, não existe definições de conceitos ecológicos, mas só o fato de o trabalho ser realizado ao ar livre faz o praticante sentir-se integrado com a natureza”.

Lermontov (2004, p. 15) aborda esta questão dizendo que “cada praticante responde às solicitações dos profissionais da equipe de forma prazerosa, desenvolvendo atividades e exercícios sem a mecanização repetitiva e monótona, em meio ao verde e sob o azul do céu”. O entrevistado H complementa tal afirmação quando coloca que “Essa relação acontece

quase que espontaneamente. O praticante, por si só, passa a perceber essa relação, tornando-se sujeito ativo dela”.

As formas através das quais isto acontece vão desde os cuidados e carinho com o cavalo e com o seu habitat até a importância destes para nossa sobrevivência. O entrevistado A cita, ainda, como formas de interação a valorização do sol, incidindo sobre os olhos, liberando substâncias e repondo vitaminas e o aproveitamento de recursos naturais para aquisição de conhecimentos específicos sobre ciências, matemática, e ainda valores como respeito amizade.

O que leva as pessoas a procurarem a terapia através do cavalo, muitas vezes é a busca pela qualidade de vida e contato com a natureza. O entrevistado C afirma que “O principal motivo da procura é a melhoria da qualidade de vida em geral”. O entrevistado E acrescenta que “Nem sempre as pessoas sabem os objetivos da equoterapia. Elas procuram o local pelo diferencial de terapia e pelo maior contato com a natureza. Muitos encaram a equoterapia como lazer assessorado por profissionais de diversas áreas”. O entrevistado D cita ainda mais um motivo: “(...) sentem-se felizes por estar em contato com o cavalo e por estar realizando uma terapia fora de um local fechado, sem o “peso” que fazer um tratamento ocasiona”.

Foi constatado na pesquisa que os praticantes de equoterapia consideram importante o meio em que ela se desenvolve, pois como aponta o entrevistado H, “(...) é visível a transformação que se dá com eles. O prazer, o bem estar, a alegria que demonstram por estarem lá tem relação direta com o ambiente.” Com o passar do tempo o gosto pelo local da terapia e os elementos da natureza cresce, afirmação colocada por B quando diz que “(...) ao longo da terapia, este grau de importância dada ao ambiente tende a aumentar.”

### **4.3 A prática da Educação Ambiental**

Ao tratar o ambiente como biosfera, a educação ambiental desenvolve uma visão global, ampla de meio ambiente, que considera as inter-relações entre o local e global, entre o passado, o presente e o futuro, deste modo contribuindo no desenvolvimento de uma consciência planetária, de um pensamento cósmico.

Sobre esta questão, o entrevistado A afirma que, para ele, educação ambiental

É contribuir para a formação de pessoas conscientes, com atitude e decisão, vivendo, atuando, e lutando para uma sociedade comprometida com a vida, com o

bem-estar, com a comunidade e a realidade sócio-ambiental. Pessoas solidárias, com hábitos de higiene e respeitando os ambientes, valorizando a vida.

Coan e Zakrzewski (2003) salientam a importância de discutirmos nossas representações do meio, já que o ambiente, enquanto sistema adaptativo complexo e conjunto interatuante de relações sociais e naturais em um espaço e tempo determinado, é o ponto de partida da educação ambiental.

Por isso, evidenciamos a relevância das respostas dos entrevistados, quando o profissional H diz que “Acredito que a Educação Ambiental seja um processo interdisciplinar (...) Seria um processo da busca do equilíbrio entre o sujeito e o meio, através da educação e conscientização dos sujeitos” e o entrevistado B coloca que a educação ambiental “É conscientizar a população de que a relação homem-natureza é indissociável (...)”.

Outro fator destacado nas entrevistas foi de que os profissionais atuantes em equoterapia acreditam que ela desenvolve aspectos de educação ambiental em seus praticantes. O entrevistado A aponta que “(...) a relação praticante-natureza se dá quase que espontaneamente. Baseando-se nisso, os aspectos de conscientização, de percepção, de interação, perceber-se como elemento de tal mundo, são potencializados, despertados, instigados através do cavalo”. Já o entrevistado D afirma acreditar que a equoterapia integra o praticante à natureza, fazendo com que ele se sinta parte dela.

Conforme Sauv e e Orellana (2001), a Educação Ambiental é uma complexa dimensão da educação, que pode ser caracterizada por uma grande diversidade de teorias e práticas, originadas em função de diferentes concepções de educação, de meio ambiente, de desenvolvimento. Em concordância com os autores acima citados, H coloca que “Além da habilitação e reabilitação, a equoterapia tem o papel de educar, de contribuir para a formação do sujeito”.

Layrargues (2002) faz uma explanação que explica que a educação ambiental pode se dar através da equoterapia, quando diz que atualmente não é possível entender a educação ambiental no singular, pois inúmeras são as percepções sobre ela, permitindo deste modo que diferentes práticas educativas, desenvolvidas em diferentes espaços, sejam identificadas como de educação ambiental. Estas diferentes percepções carregam consigo valores subjetivos muito fortes, pois estão inscritas em processos históricos e contextos diferenciados que se unem.

Em concordância com estas falas o entrevistado A coloca que

(...) apesar de não ter um projeto específico intitulado educação ambiental, nós terapeutas educamos para a construção de cidadãos ambientalmente corretos.

Chamamos a atenção e discutimos sobre corte de árvores, água poluída, aquecimento do planeta, através do paladar, provando frutas, desenhando paisagens, culturalmente, cobrando atitudes com lixo, etc.

O mesmo entrevistado acredita também que a educação ambiental ocorre a partir de ocasiões em que os praticantes possam tomar decisões e refletir sobre posturas que demonstrem valores relativos à proteção ambiental e qualidade de vida, como por exemplo:

- Usando adequadamente os recursos naturais (água, alimentos, flores);
- Fazendo com que percebam a relação entre qualidade de vida e ambiente saudável;
- Respeitando a paisagem natural e não a modificando;
- Fazendo-os pensar: de onde veio o papel? O lápis? A argila? A água?

Com isso, destaca-se a importância da equoterapia enquanto agente de aprendizagem da natureza regional. Este fator é evidenciado por Coan e Zakrzewski (2003, p. 23) como fundamentais para a educação ambiental, quando dizem que “Entre as estratégias de ensino-aprendizagem, devem ser favorecidos os estudos de caso sobre problemas ambientais globais, auditorias para regular o consumo em diferentes partes do mundo. Também é importante valorizar e utilizar contos e lendas regionais”.

Segundo Coan e Zakrzewski (2003), ao longo da história, a educação ambiental esteve associada a diferentes matrizes de valores e interesses, gerando um quadro bastante complexo de educações ambientais com orientações metodológicas e políticas bastante variadas. Esta tem sido abordada de diferentes modos: como um conteúdo, como um processo, como uma orientação curricular, como uma matéria, como um enfoque holístico, e também tem apresentado objetivos diversos: a conservação da natureza, o gerenciamento de recursos, a resolução de problemas ambientais, a compreensão do ecossistema, a melhoria dos espaços habitados pelo ser humano, a discussão das questões ambientais globais.

Sendo assim, a educação ambiental está associada a diversas áreas do conhecimento. O entrevistado B afirma que sua área de atuação está fortemente aliada ao meio natural:

Através do contato com a natureza, reduz-se o nível de stress físico e mental, aumentando capacidade de atenção e concentração, reduzindo-se assim, sintomas físicos e psíquicos. Também, em contato com a natureza, entramos em contato com nosso “eu” mais primitivo e, conseqüentemente, com nossos impulsos, ajudando a compreendê-los e lidar com eles da melhor maneira possível.

Na área da educação, o ambiente serve como recurso pedagógico. Como coloca o profissional A, “(...) os recursos estão ali, é só aproveitá-los espontaneamente. Não é água desenhada, podemos tomá-la, pôr a mão, jogar um no outro, escrever o nome, cheirar. É concreto, tudo é concreto, desperta a criação, a criatividade, como melhor explorá-los”.

O entrevistado C faz uma colocação interessante referente à sua área de atuação, dizendo que

A Pedagogia (alfabetização) não é somente o ato de “aprender a ler e escrever”, mas sim compreender e interpretar criticamente o meio em que o educando vive. Assim, já se percebe a importância do ambiente natural, que é a procedência de todos os seres humanos, e por mais que as pessoas vivam em áreas urbanas, é na natureza que elas encontram a perfeita integração. E esta é a necessidade de perceber a importância do cuidado e conscientização sobre a preservação da natureza entendendo o porquê desta ação.

Contudo, é inegável a relação da educação ambiental com diversas formas de aprendizagem e conhecimento, enfatizando as relações recíprocas entre natureza e sociedade, que podem ocorrer em qualquer local e com qualquer pessoa, seja ela da área educacional ou não.

O entrevistado E vem em concordância com esta afirmação, dizendo que acredita que “(...) a educação ambiental seja uma área que diz respeito não apenas aos profissionais de equoterapia, é uma área que diz respeito a qualquer ser humano, independente do nível de escolaridade”. Ratificando estas considerações, o profissional F coloca ainda que “(...) o espaço natural e seu estudo relaciona-se com a equoterapia. Desta forma, seu estudo também pode fazer parte desta interdisciplinaridade, onde o conhecimento pode ser trabalhado de forma integrada com as outras áreas de atuação em equoterapia”.

Por fim, percebemos que interdisciplinaridade está intrínseca na prática equoterápica, em concordância com a educação ambiental, podendo esta ser desenvolvida em vários âmbitos do ser humano que se beneficiam da terapia por meio do cavalo. Coan e Zakrzewski (2003, p. 69) retratam esta questão afirmando que

A interdisciplinaridade, enquanto princípio da EA, permite a abertura a diferentes campos de saberes, de modo a enriquecer a análise e a compreensão das realidades complexas do meio ambiente. Um enfoque interdisciplinar facilita o desenvolvimento de uma visão sistêmica e global das realidades. Do ponto de vista pedagógico o enfoque interdisciplinar, que requer a integração de matérias e disciplinas, pode favorecer uma melhor integração de saberes. É importante, além da interdisciplinaridade, aprender a reconhecer o interesse e o valor de outros saberes para a EA, como os saberes relacionados com a experiência, os saberes tradicionais e os saberes associados ao senso comum. Deste diálogo de saberes, que implica a confrontação de saberes de diferentes tipos, podem surgir outros novos, que podem revelar-se úteis, pertinentes e que podem ter uma significação contextual.

Contudo, vemos a importância do ambiente ser compreendido enquanto interação complexa de configurações sociais, biofísicas, políticas, filosóficas e culturais e fazer-se parte integrante de nossas vidas.

Percebemos então que, na categoria 4.1, “A prática da equoterapia e o espaço natural”, foi verificado que a maioria dos profissionais ressaltou o forte vínculo da terapia com a natureza e a relevância do meio para o desenvolvimento do trabalho. Foi evidenciado também que a prática terapêutica em locais fechados não propicia tanta riqueza de estímulos aos praticantes, como a liberdade e criatividade e que a equoterapia teria muito a perder se tivesse que ser realizada em ambiente urbano, devido à restrição de formas de trabalho e fatores negativos do meio, como a poluição sonora, visual e do ar.

Já na categoria 4.2, “A relação homem-natureza na prática equoterápica”, o que se evidenciou, através do maior número de respostas dos entrevistados, foi que esta relação se dá de forma natural e tende a aumentar com o passar do tempo. Entretanto, foi verificado que, apesar da espontaneidade dos sentimentos e consciência despertados pelo contato com a natureza, práticas de educação ambiental podem ser inseridas de forma direta através de conversas durante a sessão, através de ensinamentos sobre práticas ambientalmente corretas e da percepção de fatores de degradação ambiental expostos no meio de trabalho.

Outro aspecto destacado nesta categoria, foi sobre a importância que o ambiente onde a terapia se desenvolve tem para o praticante, que, muitas vezes, prefere esta terapia àquelas realizadas em consultórios ou salas de aula. Ficou bastante saliente entre os entrevistados, que as famílias procuram a equoterapia já sabendo onde ela ocorre e têm o intuito de reaproximarem-se do meio natural, como uma fuga dos espaços urbanos e retomam o contato com a natureza.

Na categoria 4.3 “A prática da educação ambiental”, verificou-se que os profissionais da equoterapia possuem conhecimento sobre educação ambiental e tem a concepção da natureza como indissociável do ser humano, entendem a complexidade da vida e de seus acontecimentos. Todos os profissionais questionados acreditam que a educação ambiental ocorre através da equoterapia, mesmo não havendo um projeto específico sobre o tema na Associação. Colocam que esta questão está intrínseca nas práticas do Grupo. Entretanto, crêem que a educação ambiental pode ser mais aprofundada e abordada de forma direta, para se tornar prática mais efetiva na equoterapia. Além disso, justificam que o fato de ela poder ser trabalhada em todos os âmbitos do conhecimento é um ponto favorável ao desenvolvimento destas práticas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada através de estudos bibliográficos sobre educação ambiental e equoterapia e da aplicação de questionários aos profissionais que fazem parte da Associação Riograndense Equoterapia e Equilíbrio. Essa Entidade localiza-se na Associação Tradicionalista Estância do Minuano, na cidade de Santa Maria.

A metodologia utilizada foi satisfatória, tanto nos seus aspectos bibliográficos, como nos de campo, possibilitando alcançar os objetivos propostos. Foi possível desenvolver um estudo relacional entre a educação ambiental e a equoterapia, bem como avaliar a eficiência da equoterapia como agente de educação ambiental.

Verificou-se, na pesquisa bibliográfica, que estas duas áreas estão intimamente ligadas. As referências em livros e materiais consultados não são bem específicas, porém deixam implícitos conceitos referentes à educação ambiental presentes na prática equoterápica. Bibliografias sobre educação ambiental utilizadas não fazem menção direta à equoterapia, entretanto, deixam claro que práticas realizadas fora do contexto escolar, com equipe interdisciplinar e em ambiente natural são grandes instrumentos de educação ambiental.

Autores já mencionados, da área da equoterapia, como Freire (1999), Medeiros e Dias (2003) e Lermontov (2004) fazem menção à relevância do ambiente para o desenvolvimento da terapia. Afirmam que, sem a diversidade natural encontrada nos espaços abertos destinados ao trabalho, seria difícil a prática equoterápica, tendo em vista que não é apenas o cavalo ou os profissionais que realizam a equoterapia, mas sim todo um contexto em que o praticante está inserido. Além disso, apontam para a amplitude de temas que podem ser abordados em uma sessão de equoterapia, de acordo com o que se busca estimular em cada praticante. Dentre estes temas, evidenciam o respeito, solidariedade, amizade e cidadania como os de caráter global e a natureza, meio ambiente, formas de vida na terra e relação homem-natureza como os de ordem naturalista, mas de igual importância.

Dentre as consultas bibliográficas realizadas no âmbito da educação ambiental, encontramos referência a atividades realizadas fora do contexto escolar e nas mais diversas condições de trabalho. Verificamos ainda, que esta prática pode e deve se dar com os mais diferentes tipos de profissionais, já que esta questão não diz respeito somente a educadores,

mas sim a profissionais atuantes em variadas áreas. Autores mencionam ainda que a educação ambiental não abarca apenas ações de caráter naturalista, que envolvam o ambiente natural, mas também atividades voltadas para a formação de sujeitos, para o resgate da cidadania e para a construção de um mundo mais justo.

Através dos questionários aplicados aos profissionais atuantes em equoterapia no Município de Santa Maria, constatou-se que esses percebem a existência de uma relação entre a educação ambiental e a equoterapia e que acreditam desenvolver, de forma indireta, práticas de educação ambiental no seu trabalho de equoterapia. Além disso, foi possível, através da pesquisa, informar e motivar estes profissionais sobre os conceitos e práticas de educação ambiental.

O objetivo de desenvolver um estudo relacional entre educação ambiental e equoterapia foi alcançado e foi ratificado com os resultados encontrados nos questionários. Isto se confirma pelas falas do Grupo entrevistado, que aponta que a equoterapia – Educação e Terapia por meio do cavalo – realiza, antes de tudo, um trabalho educativo, visando a formação do sujeito, tanto no âmbito da saúde quanto no âmbito da educação. Esta prática atua nos aspectos cognitivo, psicomotor e sócio-afetivo do ser humano, envolvendo atividades físicas e pedagógicas. Desta forma, valores como a criticidade, a cidadania e a cooperação são prioritários na conduta do Grupo. Somando-se a isso, a luta pela inclusão social dos praticantes, que é uma meta da Associação, é outro fator que envolve o pensamento complexo, o respeito à diversidade humana e a busca por igualdade de condições a todos.

A amplitude de público da equoterapia é outro fator mencionado nos questionários. A terapia por meio do cavalo não se destina apenas às pessoas com algum tipo de deficiência, mas abrange também crianças com dificuldades de aprendizagem, pessoas com stress e depressão, idosos em busca de qualidade de vida, entre outras situações ocasionadas pelas rotinas estafantes do meio urbano. Nestas situações, a equoterapia aparece como uma forma de resgate de valores, por hora esquecidos pela sociedade atual, onde questões referentes ao consumismo, materialismo e competitividade estão em primeiro plano.

Um exemplo citado na pesquisa sobre o trabalho da Associação Equoterapia e Equilíbrio referente à educação ambiental, é o atendimento à crianças com problemas de aprendizagem e em situação de vulnerabilidade social. Estes atendimentos ocorrem por meio de um convênio com a Secretaria de Assistência Social do Município e contemplam quatro crianças carentes de uma Escola da cidade. Envolvem atividades de caráter educacional e

social, complementados com ludicidade. O objetivo deste trabalho é o apoio pedagógico referente às dificuldades dos alunos e o suporte terapêutico no que diz respeito à situação social em que se encontram estas crianças, seus problemas familiares, afetivos e sócio-econômicos.

A equipe da Associação busca, nestes casos, fornecer subsídios para amenizar as conseqüências que as dificuldades sociais enfrentadas por estes alunos podem trazer às suas vidas no futuro. Os atendimentos visam a construção de valores morais, o resgate da auto-estima e o incentivo aos estudos. Estes critérios entram em concordância com conceitos de educação ambiental encontrados nos referenciais bibliográficos estudados, como o que coloca Veiga (1992, p. 143) quando diz que

“Hoje, o quadro de fome, distribuição desigual de renda e da escolarização, contaminação e esgotamento ambientais, endemias, falta de moradia e de empregos etc (...) parece exercer uma demanda urgente de mais conhecimento prático e de mais intervenção ativa e direta da academia sobre a realidade (...). Assim, por exemplo, a afirmação de que precisamos ir à realidade e desenvolver novas metodologias e novos programas escolares de Educação Ambiental está correta, mas nem de longe é tudo”.

Outra questão levantada pela equipe questionada é que a atual geração de crianças e adolescentes (maior público da equoterapia) está afastada do contato com a natureza. É uma geração mais urbana, que cresceu convivendo com muitas tecnologias e com a urbanização crescente. Para elas, a oportunidade de freqüentar um local em que possam estar próximos à natureza, aprender sobre ela e através dela, é algo que contribui para o seu entendimento acerca da relação homem-natureza e proporciona reflexões sobre coisas que acontecem no mundo, como é o caso dos problemas ambientais que enfrentamos. Isso, a longo prazo, contribuirá para a formação de cidadãos mais críticos e ativos nas questões referentes ao meio ambiente, ao desenvolvimento sustentável e à preservação, pois se a equoterapia ajuda a definir concepções coerentes de natureza, já está sendo uma forma de educação ambiental, porque trará conseqüências às ações das pessoas.

O objetivo referente à informação e motivação dos profissionais entrevistados deu-se através da própria aplicação do questionário. Muitos afirmaram que era a primeira vez que paravam para pensar no que estava implícito em sua prática, dando-se conta de que atividades de educação ambiental estão presentes nas ações equoterápicas e de que é possível implantar um projeto de educação ambiental mais direto nas sessões de equoterapia.

Pretende-se, ainda, fazer menção, nestas considerações finais, à Holística, uma área de estudos de origem oriental que abarca a visão que se quer transmitir neste trabalho. Segundo

Capra (1996), o novo paradigma que se faz referência nesta pesquisa, pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. A visão Holística é uma maneira de ver o mundo, o homem e a vida em si como entidades únicas, completas e intimamente associadas. Ela representa um novo paradigma científico e filosófico que surgiu como resposta ao mal-estar da pós-modernidade, que é em grande parte causado pela cisão dos aspectos humanos e naturais trazida pelo antigo paradigma.

Sendo uma forma de tentar unir o homem ao universo onde está inserido, o Holismo visa a integração dos seus aspectos físicos, emocionais, mentais etc. O ser humano não é somente matéria física, nem somente consciência, nem apenas emoções, logo, levar em consideração apenas alguns destes aspectos isoladamente, é perder de vista a sua "inteireza", sua integridade.

Complementando esta percepção, Morin (2003, p. 64) explica que o que falta no homem é “a aptidão de contextualizar e de globalizar, uma vez que a exigência da era planetária é pensar sua globalidade, a relação todo-partes, sua multidimensionalidade, sua complexidade (...) necessária para conceber o contexto, o global, o multidimensional, o complexo”. Portanto, a visão holística pode vir a servir como subsídio para a compreensão humana através de uma ótica que parte do pensamento complexo.

Por fim, gostaria de mencionar o significado do Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental para a minha formação docente. Após ingressar no Curso, muitas foram as aprendizagens referentes à amplitude da educação. Novos caminhos de conhecimentos abriram-se, propiciando o estudo de áreas que, até então, estavam esquecidas, devido à visão cartesianista ainda presente em alguns cursos de graduação desta Universidade. Estudos sobre Geografia, Biologia, tecnologias de sustentabilidade ambiental, fauna e flora e agroecologia ganharam espaço em minha formação, e outros sobre Filosofia, Sociologia e História foram redescobertos, fazendo-me perceber que o conhecimento é indissociável e que uma ciência não é superior à outra, elas simplesmente se complementam.

Vimos que, para o entendimento do ser humano e de seu contexto ambiental, é preciso buscarmos subsídios nas diversas áreas do conhecimento e fazermos a interligação entre elas, pois não existe uma educação “ambiental”, “especial” ou “social”, existe sim, uma “**Educação**”, que deve contemplar toda a diversidade humana e seu ambiente.